

Senado e Federação

Aluízio Napoleão

Por ocasião da posse dos novos senadores, tive ocasião de ouvir as palavras candentes e as judiciosas observações do presidente do Senado, Nelson Carneiro, que, pelo seu interesse e significado, destaque, especialmente o trecho em que expende considerações percucientes sobre o significado daquela casa do parlamento na nossa Federação. Dizia o senador Carneiro que, "de tempos em tempos, surgem vozes isoladas a exaltar o unicameralismo num País tão múltiplo como o nosso, numa Federação de Estados politicamente tão distintos, que as bancadas de uns poucos, quatro ou cinco, por numerosas, poderiam, se o desejassem, abafar as vozes e as aspirações das unidades menos populosas. O Senado é a Federação. Aqui não há pobres ou ricos. Todos têm o mesmo peso, todos são

iguais. Os Estados unitários convivem bem sem o Senado. Mas entre nós nem a Monarquia dele prescindiu, e a presença do sistema parlamentar não impediu que a Câmara dos Deputados aprovasse e censurasse Gabinetes, mesmo presididos por eminentes Senadores. A pregação federalista ainda não lograra triunfo, e o Legislativo já abrigava as duas casas. Essa consciência, estou certo, cedo contagiará toda a representação popular, que realizará a próxima revisão constitucional".

O perigo do desequilíbrio federativo, a florado pelo senador Carneiro, fez-me recordar que o então Deputado Hugo Napoleão (o primeiro), já demonstrara sua preocupação a respeito, pondo em evidência, na Assembléia Nacional Constituinte de 1933, a desigualdade

entre os grandes e pequenos estados na Câmara dos Deputados e propondo o seu equilíbrio, que o senador Carneiro defende com a permanência do Senado Federal.

Essa preocupação do senador pelo Estado do Rio de Janeiro com a Federação teve em Rui Barbosa e Joaquim Nabuco dois defensores, ainda no Império, pouco antes da proclamação da República, preocupação que separou os dois grandes vultos do parlamento, quando o primeiro se decidiu pelo regime republicano e o segundo só queria admitir a federação com o Império, confessando, na sessão da Câmara dos Deputados, de 11 de Junho de 1889: "A bandeira federal passou das minhas mãos para as do Senhor Rui Barbosa." Este foi o vencedor pela coerência dos dois conceitos e sua realização.